

A criação de bairros negros e a formação de identidades negras

Maria Estela Rocha Ramos Penha

Maria Estela Rocha Ramos Penha

Centro Universitário Unime – Lauro de Freitas, BA,
Brasil

E-mail: mariaestelaramos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2744-5096>

Dossiê

Resumo: Este trabalho apresenta a formação de identidades negras a partir da concepção de bairros específicos de Salvador (BA), analisados como categoria fundamental para compreender a formação de cidades brasileiras, moldados por valores sociais e culturais afro-brasileiros, os quais, embora contra-hegemônicos em relação à cultura dominante, tornaram-se centrais na organização de tais espaços. Em contraste com a história urbana tradicional, propomos um deslocamento de perspectiva, examinando processos de urbanização a partir da experiência de grupos historicamente subalternizados. A metodologia empregada ancora-se em relatos e narrativas de moradores, obtidos por meio de entrevistas. Essa abordagem, combinada com a análise dos processos de (auto)construção coletiva e resistência nesses bairros ao longo de décadas, revela uma reinterpretação significativa dos lugares: antes percebidos como símbolos de carência e sujeição, esses espaços emergem, agora, como representações de lutas, conquistas e potência cultural e social, resultando em uma ressignificação positiva de identidades.

Palavras-chave: Culturas afro-brasileiras; identidades; comunidades urbanas; processos urbanos.

Artigo recebido em 29 de março de 2025 e aprovado para publicação em 09 de setembro de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.2025.17.42.10607>

The creation of Black neighborhoods and the formation of Black identities

Abstract: This paper presents the formation of Black identities based on the development of specific neighborhoods in Salvador (BA), analyzed as a fundamental category for understanding the formation of Brazilian cities. These spaces were shaped by Afro-Brazilian social and cultural values which, although counter-hegemonic in relation to the dominant culture, became central to their organization. In contrast to traditional urban history, we propose a shift in perspective by examining urbanization processes from the experience of historically subalternized groups. The methodology is grounded in accounts and narratives from residents, obtained through interviews. This approach, combined with the analysis of processes of collective (self)construction and resistance in these neighborhoods over decades, reveals a significant reinterpretation of these places: once perceived as symbols of deprivation and subjection, they now emerge as representations of struggle, achievement, and cultural and social strength, resulting in a positive re-signification of identities.

Keywords: Afro-Brazilian cultures; identities; urban communities; urban processes.

La creación de barrios negros y la formación de identidades negras

Resumen: Este trabajo presenta la formación de identidades negras a partir de la concepción de barrios específicos de Salvador (BA), analizados como una categoría fundamental para comprender la formación de las ciudades brasileñas. Estos espacios fueron moldeados por valores sociales y culturales afrobrasileños que, aunque contrahegemónicos en relación con la cultura dominante, se volvieron centrales en la organización de dichos lugares. En contraste con la historia urbana tradicional, proponemos un desplazamiento de perspectiva al examinar los procesos de urbanización desde la experiencia de grupos históricamente subalternizados. La metodología se basa en los relatos y narrativas de los residentes, obtenidos mediante entrevistas. Este enfoque, combinado con el análisis de los procesos de (auto)construcción colectiva y resistencia en estos barrios a lo largo de décadas, revela una reinterpretación significativa de estos lugares: antes percibidos como símbolos de carencia y sujeción, ahora emergen como representaciones de lucha, conquista y potencia cultural y social, resultando en una resignificación positiva de las identidades.

Palabras clave: Culturas afrobrasileñas; identidades; comunidades urbanas; procesos urbanos.

Introdução

Este trabalho reporta-se a pesquisas de pós-graduação desenvolvidas em Arquitetura e Urbanismo, tendo como campo de estudo a cidade de Salvador, Bahia. A dissertação de mestrado tomou o estudo de conformação de espacialidades e territorialidades afrodescendentes que se aprofundou na tese de doutorado com a elaboração conceitual de bairros negros enquanto categoria de análise como contribuição à compreensão da formação de cidades brasileiras. A metodologia utilizada aqui toma falas de moradores obtidas por meio de entrevistas realizadas nas pesquisas para conferir a formação de identidades.

Para contextualizar essa análise, importa mencionar que a cidade de Salvador, primeira capital do Brasil, teve sua conformação urbana planejada aos moldes do modelo português, como tantas outras cidades fundadas no período colonial. No caso específico dado à geografia acidentada de Salvador, as partes centrais da cidade constituíam a cidade alta destinada às elites econômicas e políticas, cuja organização espacial era dada pelas freguesias nas quais a Igreja Católica era a protagonista oficial do espaço urbano nas cidades coloniais brasileiras.

Além dessa estrutura oficial, Salvador é, como aponta Milton Santos (1985) em relação às localidades, parte de um “imenso movimento do mundo”¹, sendo resultado de feixe de forças sociais sobre um lugar, havendo a concentração de populações africanas e de seus descendentes que guardam referências culturais advindas do continente africano.

Se a cidade oficial seguia o modelo das freguesias, os arredores da cidade eram povoados pelos negros, ocupados por quilombos, roças de libertos e nucleados pelos batuques e terreiros de candomblé, cuja toponímia é marcada por nomes africanos ou afro-baianos². Os terreiros em Salvador aparecem desde meados do século 18, como o Candomblé da Barroquinha, que é o atual Terreiro da Casa Branca³. Temos então que a cidade de Salvador possui características urbanas, sociais e raciais bem definidas.

Neste artigo, apresentamos a construção de identidades negras dadas por relações sociais que se constituem espacialmente, compartilhando visões de mundo peculiares na concepção de morar e de vivenciar o espaço urbano negro. Por intermédio das experiências do cotidiano e dos lugares nas formas de expressão e de práticas oriundas da agregação social, as identidades são definidas pelas histórias comuns daqueles que construíram e vivenciam os bairros negros.

¹ Neste imenso movimento do mundo, Santos (1985) se refere à formação da cidade de Salvador sob dominação do Estado Português em sua exploração de seres humanos sob regime escravista e de recursos naturais na condição geográfica favorável como área portuária natural no seu processo de expansão mercantilista em direção ao capitalismo.

² Grande parte das denominações dos lugares nos arredores da cidade de Salvador remete a uma territorialização dos negros e suas culturas: Cabula, nome associado a uma seita africana; Beiru, que, provavelmente, seja derivado de eiru, rabo de boi, insígnia de Oxóssi, deus da caça; Gomeia, cuja origem pode ser uma corruptela da forma portuguesa de Daomé; Bonocô, anteriormente Gunucô, corruptela de Igunnuko, local onde havia um culto de Baba Igunnuko; Avenida Vale do Ogunjá, em referência ao Terreiro Ilê Ogum Ja, entre outros.

³ O Terreiro da Barroquinha, o Ilê Axé Iyá Nassô Oká, possui fundação estimada em finais do século XVIII, localizava-se ao fundo da Igreja da Barroquinha e é considerado o terreiro mais antigo do Brasil. Ao migrar para o bairro do Engenho Velho da Federação por questões de perseguição religiosa, passou a ser conhecido como Terreiro da Casa Branca ou Terreiro do Engenho Velho.

Desta forma, pretende-se valorizar as identidades negras como potencialidade que permitiram a criação de bairros negros, promovendo o deslocamento de perspectivas e de sentidos. Ao desenvolver estudos que foram por muito tempo negligenciados na Arquitetura e Urbanismo, buscamos novas perspectivas, como propõe Edgar Morin (1996), a partir de um “novo” posicionamento do indivíduo diante da realidade e, portanto, uma nova forma de conhecimento. No entanto, este conhecimento é novo na academia, sendo compartilhado nas comunidades de origem, transpassados pelos processos de invisibilização. Assim, esperamos contribuir com novos sentidos na busca de novas análises interpretativas da realidade.

Para tanto, este trabalho se organiza sob dois aspectos: a construção intelectual dos bairros negros como categoria de análise, bem como da criação destes bairros como lócus de expressões culturais na cidade de Salvador-Bahia, mas que se instituem em várias cidades brasileiras pelo histórico da conformação do espaço urbano brasileiro; e as identidades negras forjadas no contexto dos bairros negros e a possibilidade e potencialidades de ressignificação das trajetórias das populações descendentes de africanos em seu rico arcabouço cultural.

Em suma, o escopo está em evidenciar a formação de identidades a partir de culturas negras compartilhadas nos bairros negros, entendendo-os como importantes no sentido de como as pessoas se reconhecem negras não apenas pela cor da pele, mas pelas culturas que as conformam nos modos de ser, sentir e agir (n) o mundo a partir dos espaços em que vivem e convivem.

Criação de bairros negros

A construção empírico-conceitual da ideia de espacialidades negras surge paulatinamente nos processos de pesquisas de mestrado (Ramos, 2007) e doutorado (Ramos, 2013) a partir do entendimento da condição de que grande parte da população negra no Brasil constitui espacialidades em áreas urbanas, passando majoritariamente pela autoconstrução de seus espaços como necessidade básica da moradia.

Ao definirmos bairros negros, entendemos que estes processos são fundamentados nas diversas experiências socioculturais negras desde o período escravista (e anterior a ele a partir das experiências ancestrais africanas) e que, por sua vez, acarretam acúmulos de produção de conhecimento por meio de falas, memórias e histórias comuns de moradores de bairros negros (Ramos, 2013). As referências de pesquisa são articuladas a partir de uma perspectiva “de dentro”, como sintetizou Guerreiro Ramos (1997).

Ao se discutir os bairros negros, o fator da cor da pele é primordial e relevante, mas não é o suficiente: não se trata apenas de dados censitários referentes ao número expressivo ou majoritário de pessoas pretas e pardas (pessoas negras), mas os fatores qualitativos são os mais importantes, sendo as culturas e práticas, histórias e memórias negras que conformam os bairros negros nas suas maneiras peculiares de ocupação.

Nosso intuito é encontrar o “jeito negro” de fazer cidade nas especificidades referentes às africanidades e elementos culturais negros intrínsecos na formação de partes das cidades, com referências arquitetônicas e urbanas, histórias locais e práticas culturais. Nos interessam também as ambiências que tornam estas partes das cidades peculiares em relação à cidade formalmente planejada,

compreendendo que a cidade é um conjunto diverso de tessituras, sobreposição de tempos históricos, espaço constante de disputas e conflitos, fragilidades, subalternidades e sobrevivências, mas também espaço de convivência e celebrações, de conquistas e potencialidades.

Como abordado anteriormente, Salvador teve sua ocupação bem definida desde o período colonial escravista, tendo a localização dos negros em quilombos, roças de libertos e terreiros nos arrabaldes da cidade onde era possível e conveniente por vários fatores: condição favorável para a realização dos cultos junto a lugares rituais como as áreas de matas densas, fontes d'água, rios; constituíam áreas de difícil acesso à perseguição policial pela proibição do uso de atabaques; possibilidade de acesso à terra, uma vez que os terrenos estavam disponíveis ou eram arrendados por baixos valores por estarem em áreas relativamente distantes das áreas centrais e sem estradas de acesso.

Mais especificamente, as porções de “terra nua” nas encostas eram arrendadas tanto pelos terreiros quanto pelas pessoas que precisavam construir moradias, sobretudo escravizados de ganho⁴ e libertos no período escravista, como também no pós-abolição, nos quais as matas eram desbravadas, as ruas eram abertas com enxadas, foices e facões. Este modelo de acesso à terra era mais uma forma de exploração, uma vez que as próprias pessoas que pagavam para ter acesso às áreas que seriam ocupadas por suas moradias, tinham elas mesmas que limpar e nivelar o terreno. Com este trabalho, valorizavam as áreas que passavam pelo beneficiamento, sem implicar perda de domínio das terras por parte dos proprietários das terras.

Do ponto de vista jurídico, esta prática de arrendamento, o aluguel de terras, seguia a lógica da enfiteuse, com terras do poder público, e pelo aforamento, em terras de propriedade da Igreja Católica e de famílias ricas. Este instrumento jurídico de parcelamento de terra instituído no Brasil no período colonial definiu por séculos a característica fundiária na cidade de Salvador, acentuado pela proibição de doação de terras públicas pela Lei de Terras (1850).

As consequências desse sistema fundiário foram imensamente injustas para as populações negras, mesmo no pós-abolição, como parte da desumanização dada aos negros. As moradias não podiam ser construídas com melhor qualidade construtiva, sendo obrigatoriamente precárias por não serem construídas em um terreno próprio e sim em terreno alugado. Caso a família inquilina não pudesse pagar o aluguel do “terreno”, este era alugado ou dividido para outra família. Estas demonstrações das “injustiças raciais” evidenciam luta e resistência de grandes segmentos da população negra no Brasil, cujas conquistas sempre ocorrem com muito sacrifício.

Ilustramos esta prática com a fala de Dona Maria Angélica, em 2012, professora aposentada e moradora do bairro do Engenho Velho da Federação:

Ela mesmo assinava o recibo e dava a gente, com selo, com tudo. Ela vinha e cobrava todo mês uma quantia. O nome dela era Maria da Glória. Chamavam ela de Senhora, Dona Senhora. Ela morava na [Avenida] Cardeal. Acho que ela nem tinha casa. Ela era branca.

⁴ Nas categorias de organização urbana do trabalho escravista existiam os escravizados domésticos e os escravizados de aluguel ou de ganho, que detinham certa autonomia para se deslocar pela cidade, sendo, por muitas vezes, responsáveis por sua própria moradia.

Acho que ela convivia com esse pessoal [os proprietários] que deu essa autonomia para ela cobrar. Ela saía vendendo. O que ela via vazio, ela queria vender. Terreno que não tinha casa, terreno desocupado... Todo mundo que tinha quintal grande, ela dividiu e vendeu. Ela cobrava de porta em porta. Era branco que táva cobrando, né... Quem não pagava, ela cortava [dividia o terreno] e vendia. Aluguel do terreno, tinha que pagar... As pessoas tinham medo de perder o terreno. Quem não brigou, perdeu... Aí mudou o Engenho Velho. Antigamente os quintais eram imensos. Ela fez uma limpa. Isso tem uns cinquenta anos. Depois que eu me formei, achei que não devia mais pagar. Só pago o IPTU (Ramos, 2013, p. 166).

É desta condição social e histórica combinada com valores culturais da negritude que identidades negras produziram subjetividades individuais e coletivas nestes bairros negros, constituídos comunitariamente⁵, compartilhando histórias, sentimentos de pertencimento a grupos negros, ainda que diversos.

Os bairros pesquisados são situados na cidade de Salvador, Bahia. O bairro de investigação do mestrado foi a Liberdade, tradicional bairro negro muito conhecido nacionalmente por sediar o Bloco Afro Ilê Aiyê, evidenciado como importante movimento sociocultural negro. O estudo desenvolvido na pesquisa de doutorado tomou o bairro do Engenho Velho da Federação, conhecido pela concentração de terreiros de candomblé, sendo os mais tradicionais e conhecidos o Terreiro da Casa Branca e o Terreiro do Bogum.

Nesses contextos, os terreiros de candomblé dos bairros pesquisados foram os nucleadores urbanos como agenciadores de espacialidades negras constituindo os primeiros núcleos de concentração de pessoas, como centralidades de formações urbanas. O terreiro é tido aqui como um importante lugar da memória coletiva e de irradiação, compondo relações simbólicas, formais e funcionais nos sentidos ecológico, familiar e comunitário do seu entorno, disseminando referências e valores culturais.

Historicamente, a Liberdade (Imagem 1) e o Engenho Velho da Federação (Imagem 2) são bairros antigos na cidade, de meados do século 19 e de considerável adensamento populacional no século XX, com surgimento de ruas, becos e travessas cuja paisagem foi transformada desde as matas densas nas encostas, passando ao espalhamento de moradias pela autoconstrução de terreiros e casas feitos de barro com a técnica da taipa de sopapo⁶ e coberturas de palha. Era comum que as casas de taipa, antes de serem cobertas com telhas cerâmicas, fossem de palha. Os entrevistados do bairro da Liberdade, por exemplo, lembram bem destas casas, cobertas com palha. Dona Beata e Seu Chico lembravam das casas de palha em que eles próprios moraram: “Palha e sopapo!” (Ramos, 2007).

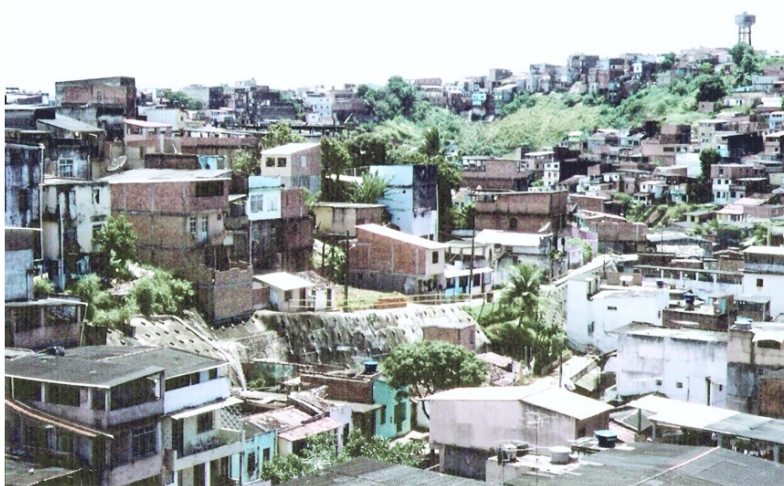
Em relação à técnica construtiva da taipa de sopapo, um dos antigos moradores do bairro da Liberdade, Seu Chico, tem presente na memória esta técnica construtiva: “Era interessante... Era uma festa! Para ‘tapar’ uma casa era uma festa! Era vizinho, era conhecido que vinha...” (Ramos, 2007, p. 135).

⁵ Compreendemos que o senso de comunidade coesa se caracterizava principalmente até meados dos anos 1980, quando, a partir daí, outros segmentos populacionais incrementaram o adensamento dos bairros e a vivência coletiva mais intensa, aos poucos, passou a se dissolver.

⁶ As denominações da “taipa de sopapo” ou “taipa de mão”, estas mais utilizadas no Nordeste brasileiro, são também “taipa de pau a pique” e “taipa de sebe”.

Seu Chico, não lembrava muito bem, pois era muito jovem, mas explicou que se amarrava os galhos de madeira e preenchia os “vazios” (buracos) com o barro amassado: uma pessoa ficava do lado de dentro da casa e outra do lado de fora. Cantava-se uma cantiga para sincronizar os movimentos de preenchimentos dos buracos. Posteriormente, as casas eram erguidas com adobes e coberturas de telhas cerâmicas até o conjunto de sobreposição de lajes com casas de tijolo aparente, cujo processo foi testemunhado e vivenciado por diversas gerações.

Imagem 1: Vista do bairro da Liberdade, Salvador, Bahia



Fonte: Ramos (2007, p. 123).

Imagem 2: Vista do bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador, Bahia



Fonte: Ramos (2013, p. 131).

As experiências socioculturais negras são múltiplas e são amalgamadas no contexto histórico-espacial, concebendo, no sentido criativo, instituições culturais riquíssimas de conhecimento como a

ancestralidade, oralidade, religiosidade, ludicidade, musicalidade, corporeidade, entre outros, bem como nos informa Azoilda Trindade (2005) em relação aos valores civilizatórios afro-brasileiros⁷.

Sob esse prisma, os calundus⁸, os candomblés, as umbandas e macumbas, afoxés, as congadas, os batuques, os jongos, os maracatus, o bumba-meu-boi, as escolas de samba, o marabaixo, os blocos afro, o cacuriá, o catolicismo de preto e o mastro de São Benedito, dentre tantas outras manifestações negras, se constituem mediante a concentração de pessoas negras que compartilham de valores culturais comuns em determinado tempo e espaço.

Assim, confere-se à espacialidade as relações de forma-conteúdo que fazem sentido ao que se deseja expressar, intrínseco à (auto)construção e organização espacial de casas, quintais, árvores, templos, terreiros, ruas, passagens, caminhos, barracas, quitandas, mercados, feiras construindo, desse modo, na materialidade, o que denominamos de bairros negros. Estes bairros negros perpassam por diversos processos históricos oriundos das várias expressões de culturas negras que configuram diferentes sociabilidades e espacialidades.

Um exemplo marcante dessa sociabilidade ocorria não somente a partir da porta da rua, que a sociabilização acontecia, mas também nos fundos das casas. Havia apenas as cercas-vivas que delimitavam os terrenos, que permitia a circulação das crianças entre os terrenos vizinhos, como afirmou Dona Elza, moradora da Liberdade: “Era bom no tempo que os quintais davam para os outros...” (Ramos, 2007, p. 141).

Concomitantemente às dimensões materiais, os bairros negros nos apontam para as dimensões sensoriais, do espaço vivido e sentido, como um lugar de experiências e ações sociais urbanas, para além da dimensão espacial, tátil, concreta.

São aqui também atribuídas à cultura determinadas percepções, aguçadas e estimuladas pelas culturas negras, geradas pelas ambiências do bairro negro. Temos, pois, a partir de reflexões de Thibaud (2004), que a ambiência também confere identidade a um ambiente/lugar, na medida em que é produzida pela experiência humana e apreendida por sua subjetividade, pois ela é vivenciada e experimentada no indivíduo e oxigenada pela coletividade.

Então é possível identificar elementos na paisagem que conferem identidades, como reconhecer uma árvore sagrada de um terreiro (Imagem 3), uma folha de banho ou erva para chá tão presente nos quintais ou ainda lembranças das antigas fontes d'água dos bairros.

⁷ Os valores civilizatórios afro-brasileiros são os conceitos de ancestralidade, circularidade, energia vital (axé), religiosidade, oralidade, memória, musicalidade, ludicidade, corporeidade, territorialidade/território e cooperativismo/comunitarismo.

⁸ O calundu (palavra quimbundo) seria o ancestral do candomblé, quando as atividades desenvolvidas de forma individual pelos benzedeiros, curadores, adivinhos em práticas e cultos domésticos passavam a constituir organização de religião coletiva.

Imagem 3: Árvore sagrada e seu ojú no Terreiro Ojo Bomin no Engenho Velho da Federação



Fonte: Ramos (2013, p. 293).

As cantigas e os toques dos terreiros, os cheiros dos incensos das casas e o perfume da água de cheiro das lavagens que os terreiros realizam pelas ruas (Imagem 4) configuram práticas culturais do bairro negro, bem como dos comércios e serviços (Imagens 5 e 6).

Imagem 4: Lavagem com água de cheiro na Vila Operária na Liberdade



Fonte: Ramos (2007, p. 160).

Imagem 5: Salão de beleza especializado em cabelo afro



Fonte: Ramos (2007, p. 170).

Imagem 6: Cartaz da feijoada, samba de roda e ijexá



Fonte: Ramos (2013, p. 279).

O acesso à água como fator primordial à sobrevivência é parte da memória social dos bairros, tanto no aspecto de consumo humano, como para o uso do trabalho ou ainda no aspecto lúdico das brincadeiras de criança. Como conta Dona Joana, professora aposentada, havia a “água de gasto” e “água de beber”:

Tinha uma que era mais aberta, a fonte do Seu Nascimento, que minha mãe usava para lavar roupa. [...] Eu também carregava água desta fonte para encher os tonéis para água de gasto, que era para lavar louça, limpar a casa, o chão, essas coisas... Tinha também a água de beber, que a gente pegava na fonte do Seu Catarino, que tinha um tampão, tudo cimentadinho em volta, tinha cadeado, era bem cuidada (Ramos, 2013, p. 257).

A água das fontes dos terreiros tinha acesso controlado, como a fonte do terreiro de Dona Minacó, como lembra Dona Maria Angélica: “A fonte de Minacó era a melhor água do Engenho Velho, saía da pedra. Ela era mãe-de-santo. Mas candomblé tinha aqueles preceitos. Porque era terreiro, tinha que ser na hora certa, não podia brincar, não podia tirar folha...” (Ramos, 2013, p. 257).

Havia muitas lavadeiras de ganho, cuja expressão “lavar de ganho”, referente à condição de “escravizado de ganho”, sobreviveu ao pós-abolição, como conta Dona Maria Angélica:

Meu pai era pedreiro e minha mãe foi lavadeira mesmo. Criou a gente lavando roupa. Neste quintal tinha uma fonte, mas a fonte secou. A gente, os filhos, era quem carregava a água. Para começar a minha atividade do dia, de manhã, enchíamos dois tonéis: eu e meu irmão. Tinha muita fonte: tinha fonte por aqui, por ali, por tudo quanto é canto tinha fonte. Eu ajudava a lavar. Mamãe depois fervia a roupa. Era daquele tempo que fervia, quarava... Eu tenho orgulho disso. Meu anel foi comprado com dinheiro de roupa. Todo mundo ajudava a mamãe a lavar roupa, passar. Todo mundo trabalhava, estudava e brincava. Até hoje eu tenho comadre e compadre da época de batizado de boneca, de fogueira de São João... (Ramos, 2013, p. 282).

A condição da imposta subalternidade não constrangeu que grupos efêmeros, aqui os importantes segmentos da população negra no Brasil, tenham, como aponta Lefebvre (1999), inventado suas obras, como possibilidade de invenção do seu “urbano particular”. Estes grupos sociais negros organizaram seus próprios momentos, seus atos, seu espaço e seu tempo, orientados por valores culturais afro-brasileiros, como parte de entendimento de mundo, na criação dos seus bairros de moradia, de vivência, de convivência.

Nesse diapasão, tomamos os bairros negros como criação no campo do imaginário, sob as reflexões de Lefebvre (1999). Nos referindo a estes bairros à época em que foram construídos coletivamente como espaços bem-sucedidos, favoráveis à felicidade, cujo urbano está no campo da transcendência imaginária.

A partir dessa concepção, o bairro negro é aquele onde predomina o imaginário das culturas negras, articuladas com assimilações da cultura tida por dominante e revelam-se importante para o sentido comunitário das relações sociais, em que os moradores se sentem parte de uma coletividade que os localiza espacial, social, política, econômica e culturalmente no conjunto da cidade.

No entanto, os bairros negros, como parte do espaço urbano, não resultam do planejamento urbano, mas servem de orientação na definição de como, no Brasil, as políticas públicas são sistematicamente

operacionalizadas, sempre deficitárias ou omissas, relegando às espacialidades negras a negação de direitos, fomentadas pelo racismo estrutural da sociedade brasileira que também criminaliza estes espaços. O modelo de organização da sociedade e da cidade em agrupar grupos sociais de forma hierárquica, cuja precarização de bairros inteiros não cumpre as necessidades humanas básicas como, por exemplo, saneamento básico, somado a características das habitações das casas de taipa de sapo tinham que permanecer precárias para determinar a condição de abrigo provisório. O processo das construções das moradias perpassava pelas casas feitas de barro com a técnica da taipa de sapo e coberturas de palha, cujas técnicas arquitetônicas são heranças africanas, utilizando os materiais disponíveis na própria localidade.

Seu Edílzio explicou como foi o processo construtivo de sua casa: “A casa aqui era de taipa: nós, meu pai e meus irmãos fizemos e os vizinhos ajudavam. Uma casa de taipa fazia num dia... Era rápido! Barreava também rápido... Era muito vizinho, muita gente ajudava” (Ramos, 2013, p. 301).

A estigmatização das casas de taipa, com a equivocada campanha sanitária que atribuía a taipa à proliferação do barbeiro, as casas passaram a ser erguidas com adobes, também técnica africana, e cobertas com telhas cerâmicas. O abandono das técnicas tradicionais em busca de status social sob a pressão do consumo do concreto armado com utilização de cimento e aço configurou os adensados conjuntos de sobreposição de lajes com casas de tijolo aparente.

Dona Joana reforça sobre a construção da casa que hoje sedia sua escola:

Esta casa aqui foi toda construída na base ajuda. Fazia os adjutórios, porque comprava o material aos poucos. Foi muito adjutório! Fazia batida de limão, com a cachaça Jacaré, que era famosa, fazia o feijão e com toda energia, construía mesmo. Na época da pintura, outra vez! E assim ia... Não era como hoje em dia é que a gente tem que pagar o pedreiro, tem que pagar pintor... Era muito unido (Ramos, 2013, p. 302).

Relatos de entrevista com a Makota Valdina também explicam como se caracterizava a construção das casas:

Se fômos construir uma casa, ia pai, mãe e filhos para fazer o “adjutório”, que não era chamado mutirão. Naquele tempo dizia-se: “dar um adjutório”. E a gente fazia as festas. Não se fazia nada pra ficar só, era família, era comunidade. Vizinho era parente. Todo mundo era tio, tia, avó, avô, sem que necessariamente fosse parente de sangue (Makota Valdina apud Araújo, 2005, p. 76).

Nessa esteira, mesmo com a troca de processos técnico-construtivos, a prática coletiva caracterizou o fazer arquitetônico dos bairros negros como parte dos valores civilizatórios afro-brasileiros, tendo o lúdico das cantigas, danças e celebrações como festa e estética negra (Ramos-Penha, 2024).

Os bairros negros, portanto, são constituídos e orientados por conhecimentos ancestrais, práticas culturais, trocas de solidariedade e afetividade e permanecem por suas resistências, reexistências e potências. As identidades são construídas cotidianamente por fatores interdisciplinares e complexos e estão intimamente relacionados à localidade, ao bairro. É no bairro que as pessoas vivem, produzem sua vivência concreta e suas subjetividades, identidades individuais e coletivas, sentido de pertencimento ao

reconhecerem nas paisagens de bairros negros elementos significativos das culturas, memórias e histórias negras.

Formação de identidades negras

As identidades negras são conformadas em meio à vivência em coletividade, compartilhando ambiências culturais negras. Seguindo a criação do bairro negro, este aparece como parte da formação de identidades grupais e individuais de pessoas negras que compartilham experiências, havendo o reconhecimento de si por outros, como é na cosmologia africana, em que “existo porque você existe”, como parte da cultura e da história de um grupo, ou ainda no significado da palavra bantu ubuntu: “eu sou, porque nós somos”.

Do ponto de vista teórico, em Muniz Sodré (1988), temos que o território aparece como um dado necessário à formação da identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros. Como nos indica Santos (1985), o espaço é resultado de relações sociais, sendo também marcado historicamente. À medida que estes espaços são processados ao longo do tempo no seio de uma comunidade, constitui-se um espaço social, impregnado de elementos culturais, definido por identidades e simbolismos, gerando um conjunto dinâmico de práticas que se processam continuamente.

Nesse sentido, tendo a construção do bairro como um empreendimento coletivo como são os bairros negros, estes tornam-se o espaço social de Milton Santos e são referência da identidade coletiva, cujo sentido de comunidade é fortalecido pela via da ancestralidade, como valor comum.

Para Eduardo Oliveira (2007), a ancestralidade é fundada no ser africano que reverencia seus ancestrais, seguindo-lhes os passos e preceitos: envolve o princípio da senioridade, do respeito aos mais velhos, do conhecimento passado de geração a geração, obedecendo à primazia dos antigos como principal agente no processo de transmissão, da hierarquia estruturada que confere lugar privilegiado aos ancestrais.

Deste modo, a ancestralidade também explica o sentido de família, sendo que esta não é determinada apenas pelos laços de sangue, pela consanguinidade, mas pelas famílias estendidas. A família pode ser constituída pela memória ancestral em comum, pelo convívio social, pela identidade territorial.

Segundo Muniz Sodré (1988), a memória coletiva orienta, portanto, a identidade do grupo e gerencia o ordenamento simbólico da comunidade, como também sua dinâmica. Portanto, as formações de identidades negras têm relação recíproca com a formação do bairro negro [identidade ↔ bairro] e são construídas pelo sentido que os grupos dão aos objetos, à materialidade da cultura.

Uma definição de cultura é a maneira de “relacionamento com o real”, conforme Sodré (1988, p. 10), ao desenvolver “modos de apropriar-se da vida”: “‘cultura’ como o modo pelo qual um agrupamento humano se relaciona com o seu real (isto é, na sua singularidade ou aquilo que possibilita não se comparar a nenhum outro e, portanto, lhe outorga identidade) e não como um botim de significações universais” (Sodré, 1988, p. 156).

Identidades criadas a partir do “relacionamento com o real”, mediante condições particulares das populações negras no Brasil, nos quais a criação de estratégias de solidariedade mútua em graus

múltiplos e relativos a pequenos fatos do cotidiano, como forma de resistência desde o período escravista, como modo de sobrevivência de africanos escravizados, mas ainda desde antes, como forma cultural de existência dada pela ancestralidade associada aos princípios sociais africanos.

As identidades negras se constituem pelo acúmulo de heranças culturais que permitem significar distinções frente a outros grupos sociais. Quando nos referimos a bairros negros, as identidades são forjadas em princípios sociais africanos como a convivência de vizinhança e parentesco, o respeito aos mais velhos, o cuidado com as crianças, a matrilinearidade comum em famílias negras, cuja força das mulheres negras é preponderante como responsáveis pela manutenção das famílias.

Estes princípios sociais foram identificados em falas de moradores dos bairros pesquisados, nas narrativas de suas histórias e memórias de vida. Os bairros iniciados pelos terreiros cresceram e tornaram-se lugar de moradia e também local do trabalho, normalmente pautado pelo empreendedorismo. É o caso da Dona Joana, mulher negra de pele retinta, que abriu sua escola, uma das mais conceituadas do bairro do Engenho Velho da Federação, porque, depois de formada, não conseguiu o emprego prometido por uma das famílias que eram clientes de sua mãe, lavadeira. Ela nos contou sua condição:

Desde muito novinha, quando ajudava minha mãe levar as trouxas de roupas, o marido da freguesa sempre me cobrava a tabuada. Eu ficava com medo, mas sempre acertava! Então ele disse que quando eu me formasse, ia arranjar um emprego para mim. Os anos passaram. Me formei e ele me mandou ir até o escritório. Quando eu fui no escritório, sem carta de recomendação, sem nada, passavam as loiras, as morenas e até as sararás passavam na minha frente para fazer a entrevista. Quando era a minha vez, encerrava... O pessoal me mandava voltar quinze dias depois. Fui lá três vezes, até que caiu a ficha...! Foi aí que eu decidi abrir a escola. Começou nesta sala... (Ramos, 2013, p. 263).

Na forma social negro-brasileira de Sodré (1988), o lúdico permeia as manifestações católicas que criaram o “catolicismo de preto”, cujas rezas domésticas, por exemplo, o sagrado e o profano se fundem nas rezas seguidas pelas comidas, também trazidas pelos convidados (bolos, mungunzá, cuscuz, amendoim cozido, arroz doce, licores), cantorias, danças e sambas até a madrugada, como Dona Joana exemplifica:

A reza de Santo Antônio eram 13 noites. Cada noite tinha um mordomo: a primeira noite era das crianças, então o altar era branco; depois das rezas distribuía o arroz doce, o chocolate, bolo, mungunzá. Na noite das moças, mudava o altar para cor de rosa ou vermelho; a noite dos moços, altar azul. Aí era mais adulto, aí já tinha licor, batida de limão... Os vizinhos se juntavam, cada um dava o que podia! Havia muita união. Depois da reza, tinha samba-de-roda, era festa. Tinha família que até contratava orquestra e tudo, como na casa da Dona Áurea. No dia seguinte, todo mundo acordava cedo para trabalhar. (Ramos, 2013, p. 275).

Reportamos anteriormente que a precariedade foi imposta aos bairros negros, conferindo identidades depreciativas e estigmatizadas, criando subjetividades em crianças e adultos de que a elas

caberia tal condição no mundo, afetando identidades⁹. No entanto, as identidades também podem ser positivadas pela superação das dificuldades, sendo ressignificadas a partir das histórias, das culturas e da relação com a localidade. Confirmamos isso na fala de Dona Joana: “Eu hoje conto a minha história com a maior felicidade. Eu tenho o maior orgulho de dizer que meu pai, que é o patrono da minha escola, foi um varredor de rua e que minha mãe foi lavadeira” (Ramos, 2013, p. 313).

Ou ainda na fala de Makota Valdina que rememorou sua juventude com nostalgia no bairro do Engenho Velho da Federação:

Eu considero um privilégio ter nascido aqui e ter vivido minha infância e juventude num tempo em que muitos dos valores de comunidades africanas ainda existiam aqui. Quem vem morar no Engenho Velho hoje, as crianças, os jovens de hoje não têm a mínima ideia de como era essa comunidade antes. Era mesmo uma comunidade, com seu jeito próprio de viver, de educar crianças e jovens, de realizar coisas coletivamente, de se entre ajudar (Makota Valdina apud Nação Griô, 2008, s./p.).

Nestes bairros, identificamos que a pobreza material que se mostrou característica não é limitadora de iniciativas individuais e coletivas. Consolidou-se em certa eficácia social dada pelo êxito de pessoas negras ao construírem suas casas, manterem suas famílias, criarem seus filhos, compondo a partir destas lutas, resistências e superações na formação de identidades negras.

Para finalizar

Com esta abordagem da formação de identidades negras a partir da criação de bairros negros, propomos o deslocamento de perspectiva, cujos valores sociais afro-brasileiros foram as diretrizes e propiciaram visões de mundo, formas de relacionamento com o real.

A história urbana pela perspectiva dos estudos urbanísticos tem priorizado, na formação de cidades, elementos urbanos como equipamentos urbanos públicos, edifícios públicos administrativos, religiosos e produtivos instalados nas cidades numa determinação definida pelo planejamento urbano, “de cima para baixo”, representando interesses das elites dominantes, valendo-se de poderes político-administrativos, eclesiásticos e econômicos.

Aqui apresentamos a formação da cidade pela perspectiva de criação dos bairros negros, tendo os terreiros como nucleadores, especificamente os bairros da Liberdade e do Engenho Velho da Federação. A instalação dos primeiros terreiros foi, na maior parte das vezes, clandestina, em decorrência da perseguição da polícia. A comunidade religiosa expandia-se pouco a pouco, em condições financeiras bastante desfavoráveis, constituindo formação urbana comunitária e cotidiana, “de baixo para cima”, originada da iniciativa de comunidades negras constituindo parte do tecido da cidade.

Nessa conformidade, em nossa opção por analisar a formação urbana por instituições negras, como o terreiro de candomblé que constitui uma particularidade do urbano na sua configuração espacial

⁹ Também podemos ilustrar a formação de identidades com o conceito das escrevivências, a mistura de escrita e vida da experiência negra, de Conceição Evaristo (2017) na publicação “Becos da Memória”, cujas subjetividades são criadas a partir da relação com o espaço da favela de Belo Horizonte.

(áreas de mata ou espaço-mato, edificações sagradas, espaços edificados públicos e/ou semipúblicos e unidades residenciais), temos uma inversão de análise da história e formação urbanas em nosso país.

Há também um deslocamento de sentidos ao propor análises de identidades pelas espacialidades, especificamente pelos bairros negros, nos quais a identidade negra é aqui construída a partir da valorização das culturas negras, da afirmação da negritude e de reação aos malefícios do racismo, mas sobretudo pelo compartilhamento de histórias e memórias comuns nos processos de criação, transformação e realização de bairros.

Portanto, neste deslocamento, o bairro negro resulta de estratégias de solidariedade e de relações sociais, bem como do campo da produção de conhecimento da diáspora africana, do imaginário coletivo, da criatividade nas soluções que se desenvolveram nos interstícios, nas brechas da sociedade dominante.

Referências

- ARAÚJO, Ubiratan Castro de. Saberes e viveres de mulher negra: Makota Valdina. *Revista Palmares*, v. 1, n. 2, p. 75-83, 2005.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América, 1996.
- NAÇÃO GRIÔ. Makota Valdina: minha infância e juventude no Engenho Velho da Federação. *Nação Griô*. 2008. Disponível em: <https://abrir.link/qNOAI>. Acesso em: 06 nov. 2025.
- OLIVEIRA, Eduardo. *A ancestralidade na encruzilhada*. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.
- RAMOS, Guerreiro. *O negro desde dentro*. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, 1997 [1964].
- RAMOS, Maria Estela Rocha. *Território afrodescendente: leitura de cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia)*. 186f. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- RAMOS, Maria Estela Rocha. *Bairros negros: uma lacuna nos estudos urbanísticos um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)*. 334f. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- RAMOS-PENHA, Maria Estela Rocha. A Festa na Produção da Arquitetura. In: Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil. *Anais...* Salvador: TerraBrasil, 2024, p. 526-531.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- THIBAUD, Jean-Paul. O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. In: TASSARA, Eda; RABINOVITCH, Elaine; GUEDES, Maria do Carmo (Orgs.). *Psicologia e ambiente*. São Paulo: EDUC, 2004, p. 347-361.
- TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: MEC. *Valores afro-brasileiros na Educação*. Brasília: MEC, 2005, p. 30-36.